

TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
E DO CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR

VOL. XI — FASC. 3-4
(NOVA SÉRIE — DA SOCIEDADE E DO CENTRO)



PORTO — 1948

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA — Faculdade de Ciências

A estação pré-histórica do Alto da Cabreira (Monsanto)

POR

J. CAMARATE FRANÇA

Quem segue a estrada militar de Benfca para Algés encontra, no sítio conhecido por «Portas de Queluz», uma outra estrada que se dirige para a risonha povoação de Amadora. A Norte do ângulo formado pela encruzilhada, ergue-se um outeiro de forma tronco-cónica quase regular, de vertentes ásperas, terminando superiormente por um pequeno planalto ao qual nos conduz um estreito «caminho de pé posto».

Poucos metros, a Oeste, corre uma linha de água com a direcção sensivelmente N.-S., que tem origem junto ao Casal do Zambujal e vai desaguar no Tejo, em Algés.

De aspecto bastante curioso, só por si suficiente para atrair a atenção do pré-historiador, localiza-se o Alto da Cabreira — designação local do outeiro — numa região que já tem fornecido precioso material arqueológico.

Nas margens do curso de água várias estações pré-históricas têm sido assinaladas, entre as quais avulta a da Quinta do Torres, descoberta por Vergílio Correia (1). Cerca de 1.600 metros para SE., situa-se a estação eneolítica de Montes Claros, que Leonel Ribeiro descobriu em fins de 1943 e cuja exploração tem efectuado

(1) V. Correia — *O Paleolítico em Portugal*, «O Arch. Port.», vol. xvii, pág. 60, Lisboa, 1912.

em colaboração com Eugénio Jalhay e Afonso do Paço (1). Um pouco mais longe, para SO., erguem-se os moinhos da Outurela, junto dos quais Georges Zbyszewski tem encontrado várias peças de cerâmica ornamentada. Mais longe ainda, e encoberta do Alto da Cabreira por uma dobra da Serra de Monsanto, localiza-se, a NE., a rica estação do Moinho das Perdizes, em cuja fase final encontramos abundantes restos eneolíticos (2). Também o Capitão Afonso do Paço refere ter descoberto vestígios de cultura eneolítica nos terrenos destinados ao novo cemitério municipal, nos arredores do outeiro (3). E não merece a pena falar já de tantas outras manifestações pré-históricas que abundam por toda a Serra de Monsanto, como sejam as existentes junto ao Vale de Alcântara.

Em fins de 1945, descreveu o Dr. G. Zbyszewski ao autor destas linhas o aspecto do outeiro, que lhe não passara despercebido quando, dias antes, junto dele passara ao proceder a levantamento geológico na serra de Monsanto, terminando por aconselhar uma inspecção ao mesmo, o que se efectuou no domingo seguinte.

O outeiro é ocupado por terras de sementeira e, a não ser em alguns pontos de mais acentuado pendor, todo ele tem sofrido, de alguns anos para cá, a acção do arado.

A pesquisa na base da elevação forneceu alguns restos paleolíticos. Subida a vertente e alcançado o cimo do outeiro, a primeira impressão foi de decepção, pois a maior parte percor-

(1) E. Jalhay, A. do Paço e Leonel Ribeiro — *Estação pré-histórica de Montes Claros (Monsanto)*, «Revista Municipal», n.os 20-21, Lisboa, 1945.

(2) Descoberta pelo autor em 1945 e que, pelo material fornecido, se considera a estação tipo de Monsanto.

(3) Segundo comunicação apresentada à Associação dos Arqueólogos de Lisboa.

rida do planalto nada de interessante revelou. Já se avolumava a quase certeza de uma busca infrutífera quando, observando uma pequena porção de terreno em parte rodeado por um amontoado de pedra solta, e que não abrange mais do que um quinto do total da área do planalto, se deparou à superfície, entre os regos deixados pela passagem do arado, com tudo aquilo que hoje é objecto da nossa comunicação.

Da descoberta foi dado conhecimento à Associação dos Arqueólogos Portugueses, em Dezembro do mesmo ano. A partida do autor deste trabalho no ano findo para fora de Lisboa, em cumprimento de obrigações militares, provocou a demora do cuidadoso estudo do local, que só agora se inicia com esta primeira comunicação e que se seguirá com as escavações que serão realizadas dentro do programa do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

*

* *

O espólio recolhido divide-se em dois grupos: um post-paleolítico, outro de aspecto paleolítico, pouco abundante.

O primeiro forneceu o seguinte: fragmentos de lâminas (figs. 15, 18, 20, 22, 23 e 24), algumas afeixoadas na extremidade em raspadeiras (figs. 14, 21 e 16), raspadores (fig. 13), raspadeiras sobre lascas (fig. 17), um percutor esférico (fig. 19), uma seta de base côncava partida na ponta (fig. 10), dois pequenos fragmentos de possíveis alabardas (figs. 11 e 12), — material este todo em sílex — e inúmeros pedaços de cerâmica.

Da cerâmica, uma é lisa, de pasta grosseira, com abundantes grãos de quartzo (figs. 39 a 46); outra é de pasta mais fina, profusamente ornamentada com diversos motivos: linhas quebradas, preenchidos os espaços com segmentos paralelos (figs. 25 e 36), ou linhas rectas com os espaços preenchidos por linhas

quebradas (fig. 26), feixes de rectas e segmentos (figs. 27, 32, 37 e 38), alguns cruzando-se (figs. 28 e 29), pequenos ovais, quer formando frisos, dois a dois (figs. 31 e 34), quer reunindo-se para formar rosáceas (fig. 30). A ornamentação é incisa e os segmentos e linhas são incisos a cheio ou ponteados, sendo de especial menção os fragmentos 37 e 38, que apresentam um delicadíssimo pontilhado, talvez restos de um vaso destinado a conter produtos de beleza. Os fragmentos 25 e 26 pertenceram a duas taças do tipo de Palmela; os restantes vasos são impossíveis de identificar, sendo, porém, certo que em grande número deveriam ser, dada a diversidade dos fragmentos encontrados.

Quanto ao material paleolítico — pouco, conforme já foi dito — ele é, como aliás o de toda a serra, trabalhado nas matérias-primas aqui mais utilizadas nessa época: sílex, quartzo e quartzite. Relação alguma têm com o monumento, por serem muito mais antigos, e apenas um ou outro apresenta uma dupla pátina originada por trabalho secundário mais recente. Por mera curiosidade se lhes faz leve referência, tanto mais que as culturas paleolíticas se encontram tão disseminadas pelo Monsanto que difícil é encontrar um local onde, ao menos, não nos surja qualquer instrumento ou simples lasca a atestar as velhas e primitivas civilizações que aqui existiram.

Colhemos furadores (fig. 4), lascas afeiçãoadas em raspadeiras — algumas com pequenos bicos na periferia (figs. 2 e 3) — blocos afeiçãoados em raspadeiras ou raspadores (figs. 6, 7 e 9), etc.

Sòmente a dois nos referiremos especialmente: um pequeno seixo truncado (fig. 1) e um biface acheulense (fig. 8).

O primeiro, muito antigo, enquadra-se na série I estabelecida para o estudo das estações paleolíticas dos afloramentos basálticos dos arredores de Lisboa, contemporânea do acheulense antigo com elementos do abevilense, e enfileira tipològicamente ao

lado de outros colhidos no Moinho das Perdizes e perto de Liceia. É idêntico aos que, em grande número, aparecem em alguns pontos do litoral português e a que Breuil deu o nome de «estilo lusitano».

O segundo, que foi posteriormente truncado na extremidade para servir de raspador côncavo, parece ter sido uma machadinha cujo gume, no bordo esquerdo, foi bifacialmente afeiçoado.

Cronologia e considerações finais

O material recolhido à superfície, no Alto da Cabreira, indica-nos seguramente encontrarmo-nos perante uma jazida pré-histórica digna de ser objecto de futuras escavações, não só aconselhadas pela abundância e diversidade de cerâmica, como também por alguns achados líticos de curiosa tipologia.

Seria temerário pretendermos formar um juízo definitivo sobre a cronologia da estação, desconhecendo o material que ainda nos poderá fornecer e igualmente ignorando qual a sua significação.

Todavia, a cerâmica — principalmente os fragmentos de taça do tipo de Palmela e os ornamentados com ovais — os fragmentos de alabarda e a ponta de seta de base côncava são elementos com os quais podemos arriscar uma classificação provisória.

O ornato formado por ovais incisos aparece, quase sempre, associado à cerâmica de tipo campaniforme, no nosso eneolítico. Na Cueva del Castanyá, em Espanha, apareceram mesmo vasos em forma de sino com tal ornato, no grupo que Albert del Castillo classifica de «Cataluña Nueva e de Salamá» (1).

(1) Albert del Castillo — *La cultura del vaso campaniforme*, Barcelona, 1928.

Nas estações dos arredores de Lisboa, o tipo campaniforme aparece, frequentemente, associado também a vasos de bordos denteados. Tal sucede na estação do Moinho das Perdizes, em Montes Claros ⁽¹⁾, Alapraia ⁽²⁾, etc. Sou levado a considerar o ornato de pequenos ovais incisos, os vasos de bordos denteados — nos quais se nota uma curiosa evolução — e o grupo caracteristicamente campaniforme, pelo menos entre nós, sensivelmente contemporâneos.

Nils Aberg parece ser da mesma opinião e forma com tal associação um grupo distinto na cerâmica ibérica do eneolítico ⁽³⁾.

O arqueólogo alemão Dr. Leisner, caracteriza a fase III («Stufe III») da sua classificação geral do período dos metais pelo seguinte:

Pontas de seta de base côncava, ou com as extremidades laterais prolongadas. Pequenas lâminas ou facas de sílex. Alabardas e punhais da mesma matéria. Elementos de foicinhas. Abundância de instrumentos ósseos. Caixinhas de osso, marfim e calcário. Contas de colar de osso, xisto ou calaite. Varinhas e ídolos cilíndricos, lisos ou ornamentados. Cerâmica lisa. Cerâmica decorada com ornamentação incisa ou pintada. Primeiros trabalhos de metal (prata e cobre) ⁽⁴⁾.

É incontestável que, embora ainda nos faltem dados que preencham completamente o conjunto característico indicado pelo

(1) E. Jalhay, A. do Paço e Leonel Ribeiro — *Op. cit.*

(2) E. Jalhay e A. do Paço — *A gruta II da necrópole de Alapraia*, Academia Portuguesa da História, «Anais», vol. IV, Lisboa, 1941.

(3) Nils Aberg — *La civilisation énéolithique dans la Péninsule Ibérique*, Halle, 1921, pág. 32.

(4) Georg und Vera Leisner — *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*, Berlim, 1943, págs. 459 e seguintes.

arqueólogo alemão, os que já possuímos do Alto da Cabreira enquadram-se nele perfeitamente.

Santa-Olalla dá a tal cultura a designação de Bronze Mediterrâneo I que, segundo o mesmo autor, tem início cerca de 2.000 anos A. C. e se prolonga até 1.700 anos A. C. (1), contemporâneo da fase VI da cultura de Tróia, do Minoico Médio, do Neolítico Sahariano e do Neolítico Núbio C do Egipto (2).

Colocaremos, pois, em princípio, embora sem receio de grande erro, num período de 2.000 a 1.700 anos A. C. a estação do Alto da Cabreira, aguardando, no entanto, que futuras escavações nos permitam formular opinião mais segura.

Mais imprecisos temos de ser, porém, quanto à interpretação do monumento.

Podemos admitir tratar-se dum posto de atalaia, explicável pela vizinhança de tantos povoados, alguns fortificados; também achamos admissível ter sido um pequeno castro, onde se acolheria a população dos arredores em caso de perigo; igualmente é de presumir que se venham a encontrar sepulturas... E porque não se há-de admitir mesmo a hipótese de que houvesse sido um local de culto?

É fora de dúvida que a região vizinha do estuário do Tejo atravessou um autêntico apogeu eneolítico, de que são provas não só os achados que, dia a dia, se avolumam, mas também as lendas que aí parece terem tido origem. Não foi mesmo afastada a hipótese de que a célebre alegoria de Platão sobre a Atlântida se filiaría nesse apogeu (3).

(1) J. M. Santa-Olalla — *Esquema paleolítico de la Península Hispánica*, 2.ª ed., Madrid, 1946, pág. 59.

(2) J. M. Santa-Olalla — *Op. cit.* (Tablas cronológicas).

(3) A. A. Mendes Corrêa — *A Atlântida e as origens de Lisboa*, in «Da Biologia à História», Porto, 1934, págs. 142 e seguintes.

O Bronze Mediterrâneo I revela em suma, no dizer de Santa-Olalla, «una organizacion social y económica muy complicada, llena de fuerza y pujanza, regida por una aristocracia guer-rera» (1).

Dúvida alguma poderá subsistir de que tal desenvolvimento cultural numa região privilegiada como esta, na qual o Monsanto parece ter ocupado lugar de destaque, deveria deixar abundantes vestígios.

Quantos restos dessa milenária civilização, perdida nas brumas do passado, encerrará o Alto da Cabreira, mudo relicário de segredos tamanhos?

Sòmente os próximos trabalhos no-lo poderão indicar, e, até lá, há que aguardar pacientemente.

(1) J. M. Santa-Olalla — *Op. cit.*, pág. 61.



1



2



3



4



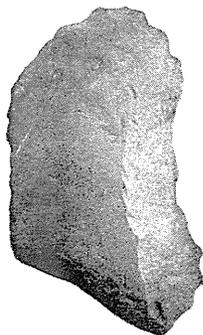
5



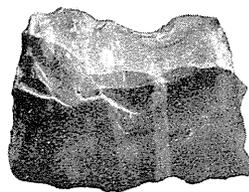
6



8



7



9



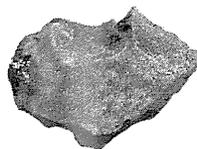
10



11



12



13



14



19



16



15



17



18



20



21



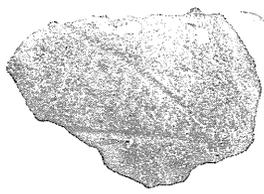
22



23



24



25



26



27



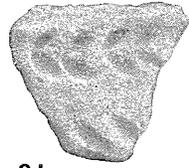
29



28



30



31



32



33



34



35



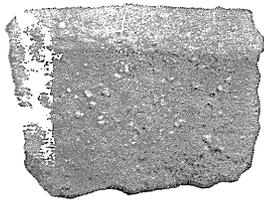
36



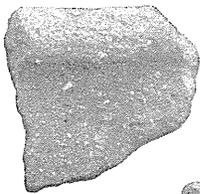
37



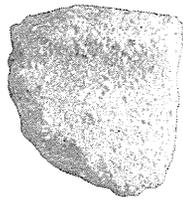
38



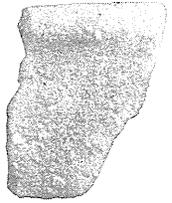
39



40



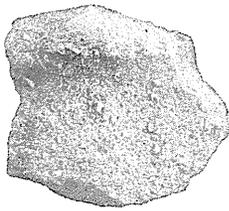
42



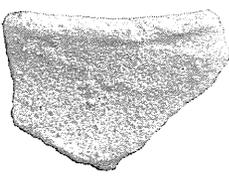
43



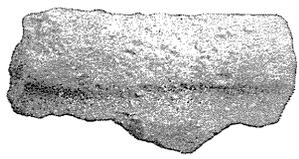
41



44



45



46